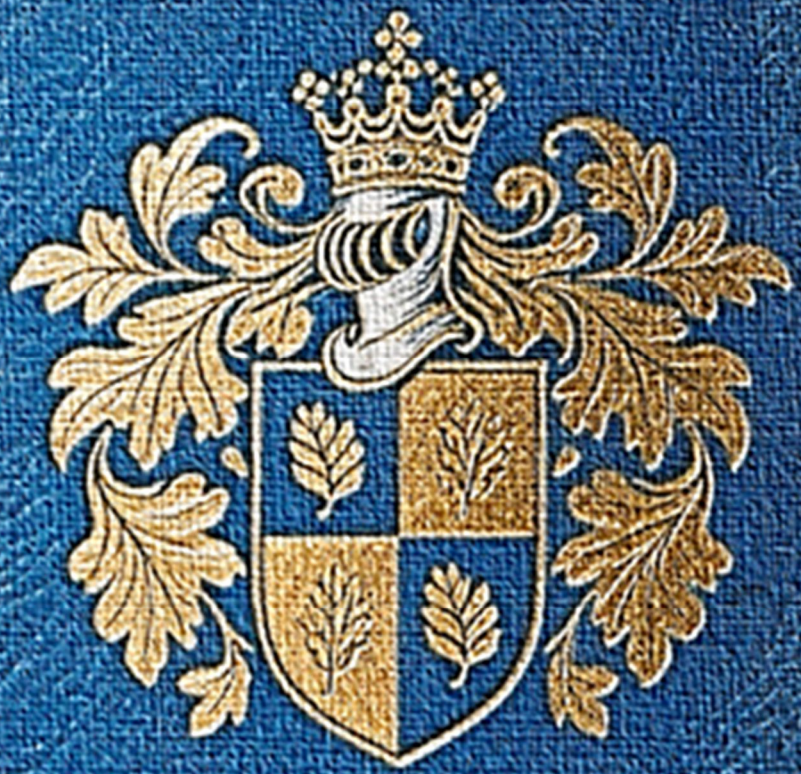
COLEÇÃO

GENEALOGIA

SILVIO TAGATA &

DEEPSEEK I.A GENERATIVA



Fábula do Rei D. Ramiro II de Leão

Volume 2

📘 **FOLHA DE ROSTO – VOLUME 2**

COLEÇÃO DE GENEALOGIA
Volume 2

FÁBULA DO REI D. RAMIRO II DE LEÃO
Desvendando as Motivações de uma Narrativa Medieval

Autor: Silvio Tagata
Contribuição: Deepseek (IA Generativa)
Ano de Publicação: 2025
Repositório: Internet Archive
Licença: Domínio Público (CC0 1.0 Universal)

Tags: Coleção de Genealogia, D. Ramiro II de Leão, Reino de Leão, Desconstrução Narrativa, Propaganda Real Medieval, Nobreza Medieval, Genealogia, História Política Medieval, Alboazar Albucadan, Literatura Medieval, Lendas Medievais, Poder e Narrativa, História de Portugal, Domínio Público

---

Introdução

Este segundo volume da **Coleção de Genealogia** dedica-se à análise crítica de uma das narrativas mais intrigantes transmitidas pelo *Nobiliário do Conde D. Pedro*: a **Fábula do Rei D. Ramiro II de Leão**.

A história, presente na página 111 da edição de 1646, relata um suposto rapto amoroso, traição conjugal e vingança real, envolvendo o monarca leonês, sua esposa D. Aldonça, e a princesa moura Ortiga Zada, irmã de Alboazar Albucadan, senhor de Gaia e de vastos territórios até Santarém.

Longe de ser apenas um conto fantástico, esta fábula esconde profundas camadas de intencionalidade política e dinástica. Por meio de uma leitura atenta e contextualizada, procuramos demonstrar como narrativas aparentemente lendárias foram instrumentalizadas para:

- ✅ **Legitimar ações moralmente questionáveis** de figuras reais;
- ✅ **Promover interesses dinásticos** em contextos de conflito sucessório;
- ✅ **Construir memórias convenientes** que servissem aos projetos de poder medievais.

Aqui, propomos uma interpretação que vai além da superfície do texto, sugerindo que a fábula não foi mero entretenimento cortesão, mas uma **ferramenta de propaganda real** destinada a consolidar a autoridade de Ramiro II perante a nobreza, o clero e o papado.

Este estudo não apenas traduz e contextualiza a narrativa original, mas também a submete a uma **análise genealógico-política**, revelando como a manipulação das memórias era parte essencial da governança na Ibéria medieval.

Boa leitura e boas reflexões!

Silvio Tagata
Set 2025

Fábula do Rei D. Ramiro II de Leão

Autores: Silvio Tagata e Deepseek

Desvendando as motivações de uma fábula antiga sobre o Rei D. Ramiro o segundo de Leão. Segue a fábula do Nobiliário do Conde Dom Pedro, página 111, traduzida.

> *O **Rei D. Ramiro o Segundo de Leão**, ouvindo elogiar a beleza e a bondade de uma **irmã de Alboazar Albucadan**, filha de D. Zadan Zada, bisneta do Rei Aboali e que venceu o Rei D. Rodrigo, havendo tido guerras com o Alboazar, que era senhor de Gaia, e de toda a terra, que desde ali corre até Santarém, celebrou com ele pazes com mostras de grande amizade, tudo pelo amor que tinha a sua irmã.*
>
> *Entrou-se numa galera, e com mais duas entrou pela foz do Douro, e subindo ao castelo de Gaia, que ali está eminente, viu-se com Alboazar, e por fim das práticas pediu-lhe a sua irmã, prometendo-lhe que casaria com ela, porque se bem estava casado com D. Aldonça, eram tão parentes, que sendo o casamento inválido, facilmente a Igreja o revogaria.*
>
> *Escusou-se Alboazar com que a tinha prometida ao Rei de Marrocos.*
>
> *Mas **o Rei, valendo-se da Arte Mágica de Amon**, grande Astrólogo, que trazia consigo, **roubou a Moura** uma noite, e foi-se a suas galeras com ela; e acudindo seu irmão houve uma peleja, em que morreram alguns, e todavia o Rei a levou a Miñor, e dali a Leão, fez-a batizar com o nome de Ortiga, que quer dizer, ensinada, e perfeita.*
>
> ***Alboazar para vingar-se** desta afronta **passou a Miñor, onde estava a Rainha D. Aldonça, e facilmente destruiu o lugar**, e com ela, e seus criados, e outros Cativos, veio a seu castelo, e Palácio de Gaia, que então era uma grande construção.*
>
> ***O Rei Dom Ramiro** sabendo isto **perdeu o juízo por doze dias**; e recobrado fez aprestar cinco galeras, encheu-as de luzidos Cavaleiros, e navegou para lá, levando seu filho o Infante D. Ordoño.*
>
> *Levava as galeras cobertas de verde, para que por entre o arvoredo que havia naquele porto, não se dessem a ver desde o castelo: entrou por São João Furado, que agora se chama da Foz.*
>
> *Aquela noite de sua chegada **ordenou a seu filho, e aos Cavaleiros**, que com grande silêncio armados se estivessem por debaixo daquele bosque, e **que ouvindo o som de uma buzina que consigo levava, lhe acudissem velozmente:** Dito isto vestiu-se em hábito de pobre, levando debaixo suas armas, e a buzina.*

Caminhou até uma fonte que estava ao pé do castelo: e era sua intenção ver se podia falar a sua mulher, que nele estava.

Andava então Alboazar correndo o monte de Alafons.

De manhã veio Perona, mulher Francesa, e criada da Rainha, com uma cantarinha, a buscar água daquela fonte, para que sua senhora se lavasse as mãos, como costumava.

Fingiu-se doente o Rei, e pediu-lhe, estando deitado no chão, que lhe desse de beber: falou-lhe em língua mourisca, e por isto, e pela roupa, ela não o conheceu. Deu-lhe a cantarinha, e **ele fingindo que bebia deixou caír dentro a metade de um camafeu que tinha na boca, de que a outra metade tinha a Rainha sua mulher.**

Foi-se Perona, e ao deitar a água nas mãos a sua senhora, apareceu a pedra, que ela logo conheceu. Perguntou à criada, a quem havia encontrado no caminho: respondendo, que um Mouro pobre, e doente, e que pedindo-lhe água por Deus, lha havia dado.

Enviou-a para que lhe trouxesse o Mouro ao Palácio secretamente; fez-lo assim. Entrou Ramiro, na câmara onde estava a Rainha. Ela lhe disse; **Ó Ramiro, quem te trouxe aqui? Morto és.** Respondeu-lhe, que importava pouco, pois por seu amor vinha.

Acusou-o ela, de que seu amor estava todo em Ortiga; por quem a havia desprezado: mas fingindo que queria falar-lhe em segredo; **levou-o a um aposento seguro, onde o fechou bem.**

Neste ponto chegou Alboazar, que estava ausente e ela o recebeu com dizer-lhe: **Se aqui tivesses o Rei Ramiro, que lhe farias?** O que ele a mim (respondeu ele) e **matá-lo-ia com grandes tormentos**. Pois sabe (disse ela) que aqui o tenho encerrado, e te podes a tua vontade vingar dele.

Estava-o escutando tudo **Ramiro, pasmado da maldade e engano de sua mulher:** mas encomendando seu remédio a suas artes, começou a dar vozes, dizendo: Alboazar Albucadan, sabe, que eu confessei a meu Abade o pecado cometido contra Deus, e contra ti, em roubar-te a sua irmã: e ele me deu em penitência, que em vil hábito me viesse pôr em tuas mãos, e que se me quisesses matar, te pedisse, que assim como este pecado soou em muitas terras, me desses morte que soasse muito: e por isso trago aqui minha buzina, para que posto em lugar alto, no meio da praça de teu Palácio, esteja soando-a até que me saia a alma do corpo, achando-se presentes quantos vivem nesta vila: e isto deves tu fazer pela salvação de minha alma, pois por sua lei és obrigado à de todas quantas puderes.

Alboazar se doeu dele, dando-lhe créditos; e dizendo à Rainha, que seria justo perdoá-lo, Respondeu-lhe ela: **Eu conheço bem o Rei Ramiro: ele te**

destruirá, se tu o perdoares: acorda-te, que ele sacou os olhos a D. Ordoño seu irmão para lhe querer o Reino: e que te fez muita guerra, em que te venceu; e que te roubou tua irmã, e que tu me roubaste a mim, e que se não o matas, não és para viver, e és para nada: e deves dar-lhe a morte que te pede, pois já vem aconselhado de seu Abade, e farias grave pecado se não lha desses.

Estava **pasmado Alboazar** de ouvir o que ela dizia contra seu marido, e **propôs consigo de não se fiar dela**. Mas temendo-se do que ela lhe afirmava dele, resolveu-se em que morresse da maneira que pedia, e para vê-lo se juntaram na praça do Palácio todos os moradores dele, e da vila.

Subiu Ramiro a um lugar alto, e sacando **sua buzina começou a tocá- la** rijo. Mal a ouviu o **Infante D. Ordoño seu filho, que com os Cavaleiros estava no bosque esperando o sinal**; como ele lhe havia deixado ordenado, quando todos **correram para lá,** e entraram improvisamente pela praça: em vendo-os **Ramiro saltou do lugar onde estava subido, sacando a espada que trazia encoberta; e advertindo seu filho, que somente à Rainha sua mãe; e as criadas que com ela haviam ido; se desse a vida**: começaram a matar toda aquela gente que ali se achava: **Ramiro deu um golpe a Alboazar, que lhe abriu da cabeça ao peito**: também morreram quatro filhos seus, e três filhas.

Depois que não houve pessoa a quem tirar a vida, voltaram-se ao lugar, e não ficou pedra sobre pedra.

Com a Rainha, e suas criadas, e com grande despojo se voltou o Rei D.

Ramiro a suas galeras. Lá referiu a todos o que lhe havia sucedido no castelo, e as instâncias que a Rainha havia feito para que Alboazar o matasse.

Admiraram-se muito; e o Infante D. Ordoño seu filho, cheio de lágrimas, disse a seu pai, que ele não podia falar nisso por ser ela sua mãe, mas que fizesse o que convinha a sua honra.

Disseram então ao Rei, que ela estava chorando. Chegou-se aonde estava, e perguntou-lhe, por que se afligia, e chorava. Respondeu-lhe: **Porque mataste aquele Mouro, que era melhor que tu.** Ouvindo-a o Infante seu filho, disse a seu pai: **Isto é demônio: que quereis mais dela, que pode ser se será?** O Rei então mandou que lhe **pendurassem uma mó, e a jogassem ao rio:** e por vê-la afundar assim lhe chamou àquele lugar, a Foz da âncora.

Por isto que o **Infante D. Ordoño** disse contra sua mãe, se entendeu depois haver sucedido o **despossuí-lo do Reino seus vassalos**.

> *Fez* ***Ramíro*** *Cortes em Leão; propôs nelas o sucedido, e que devia* ***casar-se com Ortiga,*** *e vindo todos nisso, celebrou-se o casamento com ela, que foi muito virtuosa, e fundou o Mosteiro de São Julião, e outras Igrejas; e Hospitais.*

Há que se perguntar quem escreveu esse lixo político! Então escrevemos mais um!

Eis o que sucedeu e qual é a “verdadeira” história (jamais o saberemos!).

Após o anúncio do casamento do rei com D. Ortiga Zada, rumores surgiram entre o povo e mais ainda entre os nobres, que se opunham a uma Rainha Moura.

Era necessário dar um fim aos boatos e recuperar a situação, quando então o rei e seu conselheiro convocam os bardos para “contar a verdade dos fatos” a todo o povo, para a glória do reino.

O que aconteceu: A súbita paixão do rei por uma moura desencadeou o ciúme da Rainha A Rainha D. Aldonça, traída pelo rei, viu subir-lhe o sangue com a fúria que só uma espanhola pode demonstrar. Assim os vasos de porcelana partiram em direção à dolorida cabeça do rei.

O rei então precisava urgentemente se livrar dela, para o seu próprio bem.

O Papa andava descontente com suas ações, seu casamento com altas suspeitas de ser incestuoso o deixava a beira da excomunhão e todo o problema que isso acarretaria para o reino e para a igreja.

Sua paixão o fez sequestrar uma princesa de outro reino, mouro ainda por cima, causando uma crise diplomática que levaria a guerra, ele precisava agir primeiro e tinha que ter apoio da nação, que começava a pender pro lado errado.

Depois do sequestro precisava garantir que a esposa forçada não pudesse voltar pra casa, que os mouros perdessem o interesse em toma-la de volta, o que foi resolvido forçando-a a se batizar na igreja, isso ia aliviar a barra com a igreja também, por não sair de um pecado e cair em outro, talvez pior.

Tinha que afastar Infante D. Ordonho da sucessão, ele era uma bomba política prestes a explodir.

E enfim, tinha que validar seu casamento com a “moura” perante todo o reino e domar cada nobre que pudesse interferir em seus assuntos pessoais.

Meia dúzia de coelhos tiravam seu sono e então o monarca (ou o seu conselheiro mais próximo) dá o aval aos cronistas da corte para criar a tal fábula, dando um ou outro feedback específico: "Gostei, mas... muda o final. A rainha não pode ser só ciumenta, tem de ser TRAIDORA. E a moura? Não foi um rapto, foi uma...

conversão apaixonada! E põe mais detalhes heróicos na batalha, sim?".

O bardo escreve a história, transformando atos politicamente problemático num drama moral e amplamente aceito que encobriu completamente as:

1. Eliminação da Esposa Indesejada: Transformou um assassinato político (ou uma execução conveniente) na justa punição de uma traidora. Saiu como justiceiro, não como marido cruel.

2. Solução do Problema Religioso: O "casamento incestuoso" (provavelmente dentro de graus de parentesco proibidos) foi anulado com a demonização e decaptação da esposa. O Papa não poderia ser contra a punição de uma aliada de mouros.

3. Legitimação do Rapto e da Nova União: O sequestro de Ortiga foi transformado num acto de salvação espiritual ("batizada!"). A violência contra a família dela (os "5 reis mouros") foi glorificada como um feito heroico da Reconquista.

4. Consolidação do Poder: Afastamento de Infante D. Ordonho, e ao apresentar esta narrativa, ele uniu a nobreza em torno de um inimigo comum (os mouros e a "traidora") e disciplinou qualquer um que ousasse questionar as suas acções. Era uma demonstração de força absoluta.

5. Legitimou a invasão contra os mouros: para obtenção de pilhagens com apoio de todos no reino.

Enfim conseguiu enfiar goela abaixo da sociedade e dos nobres um casamento com uma amante moura.

A narrativa foi, em verdade, uma ferramenta de poder.

Por isso:

- A história é anónima: Ninguém assina uma operação de marketing real.
- É "popularesca" mas épica: Tem elementos do gosto popular, mas elevados a uma escala grandiosa para glorificar o rei.
- Serve a dois públicos: O povo fica com o drama, a nobreza fica com a lição de lealdade (e o aviso sutil sobre as consequências da traição).

Essa não é uma visão cínica, é realista. É assim que o poder funciona: ele não cria narrativas do zero, ele coopta, adapta e distorce narrativas existentes para servir aos seus fins.

A fábula não foi um conto de fadas; foi uma operação de limpeza política e pessoal complexa e brutalmente eficaz.

Ele não pediu permissão. Ele criou uma nova realidade através de uma história poderosa onde ele era o herói, o justiceiro e o escolhido por Deus. Quem se

atreveria a opor-se a isso? O rei Ramiro não foi um herói. Foi um crápula que soube manipular como um gênio da propaganda.

E assim esperamos ter desvendado o seu esquema séculos depois.

Bibliografia

PEDRO AFONSO, Conde de Barcelos. **Nobiliario del Conde de Barcelos D. Pedro, hijo del Rey Don Dionis de Portugal**. Tradução, notas e ilustrações: Manuel de Faria y Sousa. Colaboração: Pedro Villafranca Malagón, Alonso Víctor de Paredes. [S.l.: s.n.], 1646. 1 recurso online (577.4 MB). Disponível em: https://archive.org/details/nobiliariodelcon00pedr_202401/page/n5/mode/2up. Acesso em: 15/10/2025.